

# O Corpo Virtualizado como Corpo Híbrido em *The Accord*

p. 31 - 38

Aline Amsberg de Almeida<sup>1</sup>

## Resumo

Na obra de ficção científica *The Accord* (2009), Keith Brooke conta a história do homem que construiu o paraíso dentro do espaço virtual, que pode ser habitado por aqueles seres humanos que sofreram a morte do corpo não-virtual. O conceito de virtual explicado por Pierre Lévy e as ideias desenvolvidas por Katherine Hayles a respeito das implicações das novas tecnologias na configuração do pós-humano servem aqui para pensar as possibilidades de entender a morte corporal física como uma transferência entre realidades que transformam o corpo criando assim uma versão do híbrido *corpo-tecnologia*.

**Palavras-chaves:** Ficção Científica. Híbrido. Corpo. Novas Tecnologias.

## The virtual body as a hybrid body in *The Accord*

## Abstract

In the science fiction novel *The Accord* (2009), Keith Brooke tells the story about the man who built heaven inside the virtual space. This heaven can be habited by those humans who have died. The concept of “virtual” explained by Pierre Lévy and the ideas developed by Katherine Hayles concerning the implications of the new technologies in the configuration of the posthuman are used here to think the possibilities of understanding the physical bodily death as a transfer between realities which changes the body and creating one version of the hybrid body-technology.

**Key words:** science fiction; hybrid; body; new technologies .

*Sem dúvida, nada é mais absurdo do que o sistema das pessoas que teimam em dizer que a alma é substância diferente do corpo; seu erro provém do orgulho que sentem ao supor que esse órgão interior tem o poder de retirar idéias de seus próprios fundos.*

*Marquês de Sade,  
Da imortalidade da alma*

“Noah estava tentando explicar o conceito de realidades fractais, como elas iriam finalmente se combinar para formar uma super-realidade, uma supra-realidade, um universo virtual inteiro no qual os mortos poderiam viver novamente” (BROOKE 2009, p. 12, todas as traduções de *The Accord* presentes neste texto são de responsabilidade da autora). Noah Barakh é o

homem que construiu o paraíso, ou *The Accord* – O Acordo –, um espaço virtual onde se é possível continuar existindo após a morte do corpo não-virtual. “Uma realidade construída a partir da massa de experiência humana, uma super-cidade da mente, uma realidade onde a humanidade poderia viver após a morte” (BROOKE 2009, p. 9). Espaço habitado por memória, onde o humano

<sup>1</sup> Mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. E-mail: salineamsberg@gmail.com

é informação e o corpo se torna e se apresenta como forma computacional, constituindo o híbrido humano-máquina feito de realidade virtual.

Esse híbrido é possível dentro da esfera da experimentação, no sentido definido por Deleuze e Guattari (1996), ao descreverem os modos de agenciamento do Corpo sem Órgãos ao valorizarem aquilo que ocorre na superfície, ao contrário de uma busca de um sentido profundo ou escondido da percepção. Além de se relacionar com a noção de criação para Pierre Lévy (1996), para quem o virtual está diretamente ligado à potência, a experimentação constrói as realidades virtuais, e as realidades são multiplicidades e são interconectadas, por estarmos tratando da existência como um composto de camadas e intensidades, possível naquilo que Deleuze e Guattari (1996) chamam de “plano de imanência”.

Em *The Accord*, a realidade virtual é baseada na proposição de que a realidade cotidiana – física, material e palpável, mas também relacional, afetiva, rizomática e, em todos esses aspectos, portanto, corporal – é construída pelo contato com o mundo, pela experiência de existir nele, pela decodificação de suas fórmulas e pela tradução de suas linguagens, como explica Noah: “[...] a cor não é cor, é apenas um conjunto compartilhado de regras para como interpretar diferentes comprimentos de ondas de radiação eletromagnética” (BROOKE 2009, p. 13-14). Dessa maneira, é a própria construção do corpo híbrido homem-máquina dentro da realidade virtual que permite a experimentação e a criação do eu e do outro, através do contato, da sensação, da definição do mundo. Portanto, utilizo o termo ‘corpo pré-virtual’ para me referir ao corpo antes do momento da morte fora do *Accord* ou ‘corpo não-virtual’ para o corpo fora do *Accord* (haja ou não na narrativa uma morte para esse corpo); e o termo ‘corpo virtual’ serve para falar do corpo

que renasceu dentro desse espaço.

Um híbrido se faz da definição e transposição de fronteiras, da troca fluida entre o dentro e o fora. Neste caso, falo da mistura entre o orgânico e o não-orgânico. Essa é uma diferenciação problemática, a partir do momento em que as novas tecnologias, principalmente aquelas emergentes desde a metade do século XX, passaram a fazer parte não somente da construção subjetiva do humano – as extensões do homem, como definia Marshall McLuhan (1964) na década de 60 –, mas adentraram o corpo irreversivelmente, de modo a participar de sua criação. Novas tecnologias começaram abrindo novas possibilidades e passaram a fazer parte da própria definição do humano.

Embora a tecnologia tenha estado constantemente presente no decorrer da história humana de que se tem conhecimento, o século XXI não apenas guarda o embrião de uma provável explosão do elemento humano-tecnológico – já prevista por Hans Moravec em 1988 com um otimismo quase excessivo, embora não sem razão, a respeito dos robôs como próxima etapa da evolução humana–, como também constitui o terreno onde se desenvolve a versão atual desse híbrido corpo-tecnologia, em toda sua potência, visto que a discussão sobre a bomba atômica e a penicilina, longe de ser superada, a cada dia ganha mais espaço, visibilidade e importância. *The Accord*, obra publicada em 2009, participa de uma nova tradição dentro da ficção científica, que vem se desenvolvendo desde a segunda metade do século XX, com uma explosão tecnológica que tem transformado o social, o cultural e o orgânico, principalmente com as ciências quânticas, a nanotecnologia e a internet.

Cabe aqui salientar a tese de Paula Sibilia, segundo a qual, na era da evolução pós-humana, “[...] o corpo humano, em sua antiga configuração biológica, estaria se tornando obsoleto” (SIBILIA

2002, p. 13). Nessa configuração biológica está o corpo organizado, aquele regido pela hierarquia do organismo que, segundo Deleuze e Guattari (1996), deve ser quebrada pela/para a emergência do CsO. Ou seja, num processo de subjetivação onde o eu e o corpo significam a mesma direção, embora não sejam o mesmo elemento, ultrapassando os limites da organização sistemática do organismo lógico e mecanizado.

## O virtual como espaço: movimentos do corpo virtualizado

O lugar, quando dotado de significação, ganha memória, torna-se espaço. O espaço, quando manifestado em codificação informática computacional, é virtual. O corpo, ao utilizar esse espaço para a movimentação e a tradução de linguagens, aflora numa faceta de sua condição híbrida: o corpo virtualizado é feito de quebra de fronteiras rígidas, construção de fronteiras de significados e relações de interface.

Pierre Lévy (1996) explica a diferença entre virtual e atual. Segundo o autor, a virtualização “[...] se apresenta como o movimento mesmo do ‘devir outro’ – ou heterogênesse – do humano [...]” (LÉVY 1996, p. 12). A virtualização, entendida como movimento, está intimamente relacionada ao processo de mutação da espécie, do qual o ser humano contemporâneo constitui versão atual, na era da evolução pós-humana apontada por Sibilia e Moravec. O virtual é transformação - ontológica, operacional, determinante. Virtualizar significa problematizar, complexificar e, principalmente, relacionar-se com a potência, enquanto atualizar aponta para a criação a partir de termos que não estavam no problema inicial (idem, p. 16).

Nesse sentido, o espaço virtual em *The Accord*, oferece terreno tanto para a problematização do humano e, conseqüentemente, da morte, quanto para a criação de realidade, na medida em que

a presença aparece imbricada na não-presença, ou seja, temos aí um real virtual que, na oferta da possibilidade do êxodo, ainda complexifica a presença – tanto corporal quando informacional.

Katherine Hayles (1999) observa, ao discorrer sobre como nos tornamos pós-humanos, que a mudança contemporânea de paradigma nas concepções de mundo, vida e realidade se dá fundamentalmente porque a tecnologia muda a matriz de percepção e pensamento, ou seja, as noções de presença e ausência cederam lugar para as noções de padrão e aleatoriedade, fundamentais para a realidade virtual. A exemplo disso, temos o momento em que Priscilla morre dentro do *Accord* e acorda novamente para descobrir que ali não se pode realmente morrer, mas desaparecer e reaparecer, como luzes piscando no eterno retorno do paraíso virtual: “Priscilla é. Uma espécie de. Ela é formas. Padrões. Ela é altos e baixos e ondas e cores caleidoscópicas” (BROOKE 2009, p. 170).

Segundo Hayles (1999), somente a concepção de padrão não é suficiente para pensar a literatura contemporânea, visto que pode ser encontrada e aplicada a qualquer época literária. Contudo, a autora, que pesquisa as manifestações da literatura eletrônica, pensa a noção de aleatoriedade como o vetor complementar da concepção de padrão – tomando o cuidado de não cair numa dualidade opositora. A fisicalidade enfrenta um desafio, já que “o padrão tende a esmagar a presença, levando a uma construção da imaterialidade que depende não da espiritualidade ou mesmo da consciência, mas somente da informação” (HAYLES 1999, p.35).

Hayles (1999) se refere à concepção de presença que define, entre outras coisas, essa fisicalidade e materialidade outrora determinantes do conceito de realidade e que, claramente, não podem sustentar sozinhas as leituras de arte/mundo contemporâneas. A literatura e filosofia, principalmente hoje, percebem múltiplas

realidades, sejam elas físicas/materiais/visíveis ou fluidas/invisíveis/não-presenciais, realidades contempladas pelo corpo híbrido e pelo espaço virtual no romance *The Accord*.

Marc Augé (2007) discute o conceito de espaço a partir das noções de lugar e não-lugar, o qual aplico aqui para a discussão sobre o virtual, especialmente por se tratar de um espaço virtual, no romance *The Accord*. O espaço, para Augé, é aquele que decorre da prática dos lugares, ou seja, um lugar se torna espaço quando passa a ser dotado de movimento, deslocamento ou, mesmo, população.

Fazer população no deserto, aconselham Deleuze e Guattari (1997) quando desenvolvem o funcionamento dos devires. Criação de espaço possível no âmbito do virtual como potência. Deslocamento duplo por ser atribuído tanto ao viajante quanto às paisagens (AUGÉ 2007, p. 80-81) e fator determinante no vazamento das fronteiras do humano, pois em *The Accord* tudo se passa de modo a fazer com que “[...] a posição do espectador constitua o essencial do espetáculo [que] o espectador, em posição de espectador, seja para si mesmo seu próprio espetáculo [...]” (AUGÉ 1994, p.81) como pontua Marc Augé a respeito do papel do Ponto de Vista na criação do espaço.

Sendo movimento, o espaço – seja ele virtual ou não – leva ao nomadismo, por se tratar também de criação e fluxo. Pierre Lévy (1996) ressalta a multiplicação fractal dos espaços contemporâneos: “[...] em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte” (LÉVY 1996, p. 23). Aqui, a fronteira serve menos para circunscrever limites do que para cavar caminhos, traduzir/transportar significações e forçar o corpo a um nomadismo mutante, em que o próprio espaço parece nomadizar embaixo dos

pés caminhantes, ao redor do corpo, forçando a constante metamorfose de suas próprias linhas.

É no espaço virtual que adentramos a esfera dos corpos modificados. Vazamento de fronteiras do qual decorre uma versão do híbrido corpo-tecnologia: o corpo virtualizado. Bernard Andrieu (2007) parte do conceito de *handicap* para caracterizar e pontuar o híbrido em sua gama de modificações, afirmando-o como aquele modificado em sua materialidade inicial (ANDRIEU 2007, p. 33). Ou seja, o *handicap* ou ‘deficiente’ não é mais considerado diminuído ou menor em relação ao *não-handicap* ou ‘não-deficiente’, mas é aquele que dá continuidade à sua existência através da modificação corporal. Assim, o ‘natural’ e o ‘original’ não são mais referência para o humano em sua questão corporal, mas o híbrido se torna a nova referência, ganhando autonomia como tal (ANDRIEU 2007, p. 33).

Andrieu ainda recorre ao ciborgue de Donna Harraway, mostrando que o híbrido redefine o esquema corporal (ANDRIEU 2007, p. 35). Como instrumento revolucionário, o ciborgue incorpora a máquina ao orgânico (idem, p. 36); como organismo cibernético, o ciborgue é o resultado da fusão permanente (sem retorno) entre a carne (orgânico) e o protético (não-orgânico) em uma única realidade material. Redesenhado, reconfigurado, reapropriado concomitantemente por si mesmo e pelas novas tecnologias, o corpo se torna híbrido em sua subjetividade e em toda sua complexidade. A hibridação, portanto, produz um novo corpo, inteiro em sua existência e na incorporação da tecnologia, “[...] uma nova condição humana de um ser híbrido biotecnológico [...]” (idem, p. 38).

### **A escrita do híbrido humano-máquina em *The Accord***

No romance *The Accord* o corpo virtual

aparece como possibilidade encontrada pelo programador de informática Noah Barakh para lidar com a questão da mortalidade humana. A tecnologia utilizada em *The Accord* oferece aos usuários a possibilidade de uma continuação da vida após a morte do corpo pré-virtual. Entretanto, é apenas quando esse corpo morre e a partir dos dados gravados em antes dessa morte que os corpos de informação passam a existir como entidades virtuais.

Em determinado momento, Noah explica que:

aqueles que escolhem continuar vivendo no *Accord* após a morte, somente o [farão] como a última instância gravada de si mesmos – os minutos, horas, dias finais [estarão] perdidos para sempre, até seu último *upload*... sempre funcionando a partir do último instantâneo da alma. (BROOKE 2009, p. 11)

O corpo virtual carrega em si a potência da bifurcação, da multiplicação e da fragmentação, assim como a alma, entendida pelo programador e pelos usuários do *Accord* como o conjunto de dados referentes ao corpo – a memória e suas configurações – passíveis de codificação binária e tradução para o corpo virtual constituído pelo computador. O corpo, que já era híbrido fora do espaço virtual, em vista de toda a tecnologia que o ampara em sua existência, continua a vida dentro do *Accord*, embora sofrendo uma mutação na matriz e passando a ser um híbrido de outra ordem, um híbrido virtual que carrega a memória subjetiva traduzida em código binário, porém não se sustenta no antigo formato onde predominava o elemento orgânico.

Dentro do *Accord*, Noah pode ficar junto com Priscilla. Ela é a esposa de Burnham, para quem Noah efetivamente trabalha como programador. Fora do *Accord* ambos não podem ficar juntos, porém, dentro dele, como espaço virtual, ocorre a problematização do afeto, o desejo permite produzir linhas de fuga,

ou, nas palavras do próprio Noah, “[...] em minhas realidades podemos explorar os eus que escondemos do mundo, tramar o curso de nosso amor, descobrir o que ‘nós’ realmente é e pode ser” (BROOKE 2009, p. 18). O espaço virtual marca então a desterritorialização e a reterritorialização necessárias para a problematização desse desejo, possível apenas dentro da realidade virtual; linha de fuga determinada pelo princípio de ruptura do rizoma proposto por Deleuze e Guattari (DELEUZE; GUATTARI 1995, p. 18), quando se torna fronteira quebrada que sai da esfera da imitação para a do devir, ou seja, Noah e Priscilla não operam a imitação de uma relação virtual, mas encontram-se ali efetivamente presentes e vivos.

Nessa presença viva, Priscilla toma consciência corporal quando, após sua morte, acorda no *Accord* e começa a refletir sobre sua nova existência. A experimentação advém do confronto com uma nova realidade em um novo corpo, tão real quando o antigo, que vivia fora do *Accord* ou, antes, a experimentação chega para Priscilla com a tomada de consciência da continuação do eu como real. Priscilla busca as fronteiras do espaço e do corpo na matriz que agora dita os protocolos de sua realidade, acontecendo pela segunda vez a descoberta ocorrida na ocasião de seu nascimento, a constatação de que a realidade deve ser necessariamente corporal:

Priscilla caminha, caminha e caminha.  
Quer entender como este lugar funciona.  
Onde estão os limites.  
[...]  
Ela que encontrar os limites. Pode-se morrer no paraíso? O que aconteceria se você apenas caminhasse? E caminhasse? Além do ponto da exaustão? Além do ponto da fome ou da sede?  
[...]  
Priscilla está cansada. Tem sede e fome, e tem uma bolha do tamanho de uma ameixa em seu calcanhar esquerdo.  
[...]  
Priscilla está cansada, machucada e com sede e... viva!  
E isso é bom pra cacete! (BROOKE 2009, p. 71-72)



Por outro lado, há quem desacredite no *Accord* como virtualização da vida e o desprezo com ceticismo e preconceito ancorados numa visão de mundo cartesiana e determinista. O *Accord*, para eles, além de ser considerado “[...] um mundo blasfemo e sombrio, ocupado por simulacros e ecos desalmados [...]” (BROOKE 2009, p. 24); é também deslegitimado como realidade – e nessa perspectiva o romance levanta a necessidade de uma revisão de valores a respeito do estatuto da realidade: que valor tão alto é esse? Quais paradoxos nascem dessa supervalorização? Por que contrapô-la a algum conceito oposto? Por que relacioná-la à materialidade e como medir essa materialidade?

Quando, por exemplo, a morte de Noah e Priscilla é discutida por Burnham e seu colega al-Naqawi, este último se apressa em explicar que, embora Noah tenha se suicidado e Priscilla tenha levado um tiro, ambos seguem sua existência dentro do *Accord*: “‘Me perdoe’, diz al-Naqawi, ‘mas eles continuam vivendo. Ou ao menos suas imagens gravadas continuam vivendo na abominação que chamam de *Accord*’” (BROOKE 2009, p. 24). E com essas palavras consegue plantar a dúvida nos pensamentos de Burnham, afinal de contas, seja o antigo Noah ou seu ‘simulacro’ (e ambos são reais), ele continua vivendo – e junto com Priscilla!

Essa reflexão sobre a população no deserto do *Accord* aparece mais tarde no momento em que Noah, esperando pelo renascimento de Priscilla, observa a presença de alguns pássaros sobrevoando e mergulhando num lago próximo:

Estes pássaros somente conheceram a existência dentro do *Accord*; eles não foram armazenados no antigo mundo e renascidos aqui. Para todos os fins, são simulações. *As gaivotas lançam-se e mergulham, os coots e os patos brigam por migalhas*. Estes pássaros são reais. Este mundo é real. Experimentá-lo desta maneira ainda é algo como um choque, quando realmente penso sobre o que me cerca, o que eu sou. Eu sou real (BROOKE 2009, p. 116, ênfase minha).

No momento em que os pássaros se manifestam como agenciadores de movimento, passam a ser entendidos como existências reais. Quando Noah diz “[...] para todos os fins, são simulações [...]”, é evidente a ironia já que a constatação é seguida do movimento dos animais, provido de desejo e subjetividade quando mergulham e brigam, o que os confere o título de reais. Uma ironia, não no sentido de dizer ‘simulação’ como sinônimo de ‘falso’, porém conferindo através da palavra ‘simulação’ realidade aos pássaros como corpos híbridos – materiais em sua informação, sustentados a um tempo por essa própria informação e pela materialidade da máquina.

Noah percebe aqui a fragilidade e inutilidade desse mesmo estatuto de ‘realidade’ quando regido pela dualidade verdadeiro/falso, afinal, sendo ou não ‘simulações’, em nenhum momento os pássaros e ele próprio deixam de se manifestar como entidades reais, ou de ter existência. Noah poderia dizer: “[...] nos manifestamos como reais, como simulações, somos corpos. Nada disso importa, quando entendo o que sou [...]”, pois está afirmando uma existência baseada na experimentação e no processo, e não na rigidez das formas fixas. A simulação aqui é aquela, segundo Baudrillard (1991), da cópia sem original, característica e definidora da pós-modernidade. Neste caso, os pássaros que nunca tiveram sua existência fora do *Accord*, são a forma literária e literal dessa cópia sem original, sendo, portanto, reais simulações.

Afinal de contas, as formas indiscerníveis não são apenas parte do processo de construção da realidade do observador, pois, nesse caso, o processo seria de natureza teleológica e finalista, contrariando assim a própria ideia de processo. As formas indiscerníveis são realidade – virtual ou atual. Logo que se encontram pela primeira vez dentro do *Accord*, Noah e Priscilla, em uma

viagem de carro, verificam que os elementos compositores da paisagem apresentam pouca definição em suas linhas de contorno:

Passamos pela floresta, mas as árvores... o detalhe se foi... num olhar rápido está tudo bem, mas encare fixamente um ponto e eles não se resolverão em ramos, folhas, troncos. Blocos de verde e marrom escuros mudam quando examinados, resistindo às tentativas do olho de distinguir forma, detalhe (BROOKE, 2009, p. 26).

Nesse caso, eles estão se deslocando dentro do mundo virtual, dirigindo-se para um espaço onde as linhas da existência são perfeitamente definidas, o que não significa necessariamente a segurança esperada nas formas. Assim que chegam ao lugar de destino, ambos se abraçam devido ao mal-estar sentido por Priscilla envolta na redefinição dos elementos ao seu redor, “[...] as árvores... a parede de calcário... blocos de cores, mudando, se reorganizando [...]” um desconforto, a vertigem da incerteza, “[...] apenas outra anomalia [...]” nos padrões do *Accord*, explica Noah (BROOKE 2009, p. 26-27). E subitamente ambos sentem o chão tremer, um tremor sentido nas profundezas do corpo assim como nas profundezas da terra, lento, “[...] passa através do [...] corpo, ressoando com os [...] ossos” (idem, p. 28), e Noah agora está sozinho.

Ao pensar sobre o que aconteceu, Noah associa o desaparecimento de Priscilla ao fato de haver criado múltiplas instâncias tanto dela quando dele próprio, instâncias que vivem espalhadas dentro do espaço virtual, mesmo contra os protocolos do *Accord*. Instâncias independentes, mas que deveriam ser reunidas em uma só entidade pelos próprios protocolos. E, no entanto, Noah não sabe onde está, pergunta-se: “[...] todos os pedaços serão integrados ou alguns deixados de lado, abandonados? Na matemática da complexidade e do caos não é possível explicar exatamente a especificidade deste evento” (idem, p. 34). Ele mesmo é um desses pedaços, tão

legítimo quanto todos os outros, e teme estar preso num eterno *loop* virtual e jamais voltar a ver Priscilla.

Neste caso, saliento que Priscilla significa também uma espécie de segurança para Noah. Uma segurança não eximida da forma, e tampouco totalizada nela. Priscilla é também um objetivo, a necessidade de visualizar uma unidade corporal possível. Cortando a própria esperança de reencontrar Priscilla, Noah pondera que ela não estava consolidada quando as formas do espaço virtual ao redor deles se tornaram visualmente definidas, após o tremor do chão e, por isso, considera que esteja morta. Contudo, mais tarde ela reaparece, mostrando que a realidade indefinida não representa uma versão final da existência, nem condiciona os protocolos da vida.

Segundo Deleuze, em entrevista a Claire Parinet, a indiscernibilidade é o resultado da relação entre atual e virtual, na troca perpétua e contínua sobre o plano de imanência que permite ao tempo ser medido e manifestado em termos de duração. Assim, a efemeridade é a característica própria do tempo quando o virtual se manifesta (definido pelo passado), ao contrário do tempo em sua manifestação atual (definida pelo presente). O virtual, aqui, é o efêmero por acontecer num tempo menor que o menor tempo contínuo pensável (DELEUZE; PARNET 1998, p. 173), agenciando a incerteza a partir da qual virtual e atual formam circuitos desembocando no processo de individuação.

O processo de individuação ocorre, então, no plano de imanência, resultado da troca entre atual e virtual, da formação de circuitos e da virtualização, ou seja, a virtualidade que resta ao indivíduo no jogo de absorção e criação de atuais pelo virtual. Ou seja, o movimento pode e deve ser invertido ou redirecionado continuamente dentro do circuito, já que o circuito é da ordem do tempo e a relação atual-virtual é da ordem do

pensamento.

Em *The Accord*, a indiscernibilidade se manifesta nas paisagens do espaço virtual, tanto nas árvores e ramos com baixa definição de suas linhas, tanto nos lugares onde a paisagem apresenta suas fronteiras bem desenhadas. Afinal de contas, dentro do *Accord*, Noah e Priscilla precisam fazer parte do circuito construído pela constante permuta entre atual e virtual, onde ambos configuram uma relação de realidade e complementaridade. Não há mais saída, as voltas agora são da ordem do tempo e do pensamento, são voltas de circuitos eletrônicos e a existência se funda em codificação binária. Eles estão no paraíso.

## Referências Bibliográficas

- ANDRIEU, Bernard. *L'intégration des hybrids. In: Pratiques sportives at handicaps*, Lyon: Cronique Sociale, 2007. Direção de Joël Gaillard.
- AUGÉ, Mark. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991[1981].
- BROOKE, Keith. *The Accord*. Solaris, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: \_\_\_\_\_. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. [1980]
- \_\_\_\_\_. Três novelas ou 'o que se passou? In: *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. [1980]
- \_\_\_\_\_. Devoir-Intenso, Devoir-Animal, Devoir-Imperceptível. In: *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997[1980].
- \_\_\_\_\_. Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O Que é o Virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996 [1995].
- McLUHAN, Marshal. *Understanding Media: the extensions of man*. New York: Signet Books, 1964.
- MORAVEC, Hans. *Homens e Robôs: o futuro da inteligência humana e robótica*. Lisboa: Gradiva, 1992 [1988].
- SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. Artigo enviado em: 13/09/2012

**Artigo Enviado em:** 13/09/2012

**Aceite em:** 20/12/2012